

DE O ANO DE 1993 A ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO MARGINAL NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

Murilo de Assis Macedo Gomes¹

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo discutir a relação da construção de espaços da marginalidade entre as obras *O ano de 1993* (2007), publicada pela primeira vez em 1975, e *Ensaio sobre a cegueira* (1995) de José Saramago. O objetivo se desdobra na busca da constituição de espaços marginais já em uma primeira fase da obra de Saramago em 1975, verificando ainda, se essa concepção do espaço se mantém como linha de força depois de duas décadas em *Ensaio sobre a cegueira*, em 1995, na qual Saramago já tinha se constituído há muito como autor de referência da língua portuguesa e se estabelecido como cânone. Conforme Harold Bloom, os cânones se definem como textos que disputam uns com outros a imortalidade e essa escolha pode ser feita por diversos setores da sociedade tais como instituições de educação, crítica literária e classes sociais dominantes. Sendo assim, o intuito deste artigo é também o de demonstrar como a criação de espaços marginais na obra de Saramago é anterior à canonização de sua obra nas décadas de 80 e 90.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; Literatura Portuguesa; espaço; ficção.

FROM O ANO DE 1993 TO ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: THE BUILDING OF THE MARGINAL SPACE IN THE WORK OF JOSÉ SARAMAGO

ABSTRACT: This article aims to discuss the relationship of building spaces of marginality between the works *O ano de 1993* (2007) published for the first time in 1974 and *Ensaio sobre a cegueira* (1995) by José Saramago. The purpose unfolds in an attempt to seek the establishment of marginal spaces already in the first phase of Saramago's work in 1975, still checking if this conception of space is maintained as a line of force after two decades of *Ensaio sobre a cegueira*, in 1995, in which Saramago had already been constituted long ago as the author of reference of the Portuguese language and established as canon, which according to BLOOM (1995, p.27-28) is defined as texts that vie immortality with each other and this choice can be made by various sectors of society such as education institutions, literary criticism and dominant social classes.

KEYWORDS: Jose Saramago; Portuguese Literature; space; fiction.

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa pelo DLCV da FFLCH-USP, orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Raquel de Sousa Ribeiro.

O estabelecimento de José Saramago como autor canônico se dá com o recebimento do prêmio Nobel, pela academia suíça, em 1998. Esse evento deu à obra do autor um reconhecimento mundial indiscutível. Sua obra, até então, havia sido celebrada apenas pela crítica acadêmica e por um público reduzido. Ainda assim, alguns de seus textos pertencentes à fase inicial de suas publicações, foram postos de lado por grande parte da crítica literária. Isso ocorreu, por exemplo, com o livro *O ano de 1993* (2007), lançado em Portugal um ano após a Revolução dos Cravos, em 1975. Nele, é possível encontrar a construção de um espaço literário que aparece com recorrência na obra saramaguiana: o espaço marginal.

Em *O ano de 1993*, o gênero literário é problematizado, uma vez que Saramago e grande parte da crítica dizem que a obra se classifica como poesia. Para alguns estudiosos, trata-se da última produção poética do autor. Maria Alzira Seixo expõe a problemática da forma de *O ano de 1993* da seguinte maneira:

O ano de 1993 é um livro de teor inesperado, intrigante, simultaneamente misterioso e sedutor na sua indecisão estrutural, na sua feição alegórica e na indecisão de caminhos que pode abrir. Embora nenhum subtítulo o integre num gênero literário determinado, certas indicações do autor parecem situá-lo no domínio da poesia e, com efeito, sua estrutura organizada em 30 partes (poemas ou capítulos) assenta na escrita versicular (...) no entanto, há um fio narrativo sensível ao longo do livro com movimentos de progressão e de clímax que apontam para uma urdidura novelística – sendo sobretudo perceptível a intenção fantástica que, hesitando entre um maravilhoso de índole profética e uma nítida tendência para a ficção científica (...). (SEIXO, 1987, p. 22).

É sob a óptica de fio narrativo que os espaços marginais serão estudados nessa obra. Não se discutirá aqui o problema do gênero literário que dá forma a essa obra saramaguiana. Percorreremos o espaço constituído a partir dessa urdidura.²

Primeiramente, é preciso definir o que se entende por espaços marginais. Para tanto, será utilizado o conceito da heterotopia de desvio, que se define como: “aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas; são, bem entendido, também as prisões.” (FOUCAULT, 2006, p. 416).

Entendemos o espaço marginal como um lugar de isolamento social, tido pelo estudioso francês como espaço regulamentador e disciplinador de práticas sociais que

² Recentemente, publicamos um breve artigo nos Anais do VI EPOG da FFLCH-USP a respeito da problemática do gênero literário sob o título “*O ano de 1993* de José Saramago: a (im)possibilidade da forma no seio da Revolução”.

fogem do padrão vigente. Foucault, quando trata desses espaços de regulamentação social, dá especial atenção aos presídios, hospitais, manicômios, escolas e cemitérios.

Em *O ano de 1993*, o espaço marginal se evidencia na constituição de alguns espaços literários que, a nosso ver, dialogam diretamente com o contexto de produção da obra que se dá em plena Revolução dos Cravos (1974), evento de apelo popular que visava a promover o fim da ditadura militar naquele país, difundindo, assim, os ideais democráticos. As cenas de violência e de segregação saltam dessa narrativa muitas vezes como memória, vinculada a um passado próximo:

Quando os habitantes da cidade se tinham já habituado ao domínio do ocupante
Determinou o ordenador que todos fossem numerados na testa como no braço se fizera cinquenta anos antes em Auschwitz e outros lugares (SARAMAGO, 2007, p. 75).

As relações de poder se projetam na configuração espacial da narrativa. “O ocupante” ou “o ordenador” é capaz de tomar para si até mesmo os corpos dos habitantes dessa cidade, numerando-os:

Deste modo os habitantes da cidade se acharam numerados de 1 a 57229 porque a cidade era pequena e fora escolhida para experimentação entre todas as cidades ocupadas (SARAMAGO, 2007, p.76).

A ordem numérica dos habitantes dessa cidade correspondia diretamente às suas posições dentro daquela sociedade, que podiam ser de superioridade ou de inferioridade, conforme a lógica de valoração vigente:

Ninguém reconhecia autoridade a quem tivesse número superior ao seu o que explica que o 57229 comesse com os cães e tivesse de masturbar-se porque nenhuma mulher queria dormir com ele (SARAMAGO, 2007, p.77).

A ordenação numérica dos habitantes da cidade cria um modelo de sociedade que tem por base a exclusão social, fazendo com que alguns não tenham nem mesmo lugar para morar e vivam numa condição animalesca, contrapondo-se à minoria favorecida pela criação desse mesmo sistema:

Os habitantes de 1 a 9 consideravam-se chefes da cidade e vestiam segundo as modas do ocupante
Mas o primeiro deles mandou fazer um aro de ouro que suspendia sobre a testa como sinal de poder e autoridade e hoje basta este sinal para que todas as cabeças se curvem a partir de 2. (SARAMAGO, 2007, p. 77).

A passagem evidencia a dicotomia entre o comandante e os comandados, sendo que o primeiro da linha hierárquica delimita, de acordo com sua vontade, as vestimentas e até mesmo os costumes e modos de seus subordinados. Vemos, desse modo, que os períodos ditatoriais acabam regulamentando e controlando o modo de ser dos indivíduos de uma sociedade. Isso nos leva a pensar, por exemplo, nos regimes coloniais, que acabaram por disseminar um *modus operandi* próprio, de quem se punha na posição de colonizador, eliminando e apagando toda mundividência que não se adequasse ao seu padrão, uma vez que esse paradigma é construído com base em um discurso que está diretamente relacionado ao poder. A relação entre poder e discurso pode ser entendida assim:

Discourses are ways of talking, thinking or representing a particular subject or topic. They produce meaningful knowledge about subject. This knowledge influences social practices, and so has real consequences and effects. Discourses are not reducible to class-interests, but always operate in relation to power- they are part of the way power circulates and is contested. The question of whether a discourse is true or false is less important than whether it is effective in practice. When it is effective – organizing and regulating relations of power – it is called a ‘regime of truth’. (HALL, 2008, p.295).

Diante disso, é possível dizer que numerar arbitrariamente os habitantes de uma cidade, ainda que ficcional, é colocá-los em espaços distintos, é hierarquizá-los, é diferenciá-los e segregá-los. Isso é o mesmo que mudar a prática social através do discurso. Mas de que maneira essa distinção ocorre no espaço?

Além do intenso diálogo que *O ano de 1993* estabelece com seu contexto de produção – o fim do período salazarista – é importante notar de que modo Saramago constrói espaços que remetem à representação da margem. É possível verificar essa relação na construção do conhecimento que está imbricado ao regime de verdade, conceituado por Stuart Hall. O conhecimento também é um espaço de segregação no qual a História Oficial se revela como escrita daqueles que se encontram no domínio, daqueles que criaram as condições para permanecer numa posição de superioridade, uma vez que “Those who produce the discourse also have the power to make it true” (HALL, 2008, p.295). Nas palavras do narrador de *O ano de 1993*, um aspecto primordial dessa escrita da História é o da memória, que as personagens da margem, na narrativa, vão perdendo progressivamente, até não saberem nem mesmo seus próprios nomes, “Ficaram mortos e não é possível

deixar ditos os seus nomes porque eles próprios os haviam esquecido” (SARAMAGO, 2007, p.105).

O espaço da margem se configura na própria habitação do espaço, por parte de homens excluídos da construção de sua própria história, como se pode notar na passagem:

Os homens estão apenas em redor da cidade tão incapazes de entrarem nela como de se afastarem para longe definitivamente
São como borboletas da noite atraídas não pelas luzes da cidade que já se apagaram há muito
De dia uma enorme ausência guarda as portas da cidade
E as ruas têm aquele excesso de silêncio que há no que foi habitado e agora não (SARAMAGO, 2007, p. 22).

Percebemos a condição de isolamento desses homens que não podem habitar a cidade e nem mesmo deixá-la. Eles se encontram à margem desse espaço, que é dominado por aqueles que estão no poder. Esses homens “são como borboletas” (SARAMAGO, 2007, p. 22), que perambulam distantes a admirar, longínquos, as “luzes da cidade” (SARAMAGO, 2007, p. 22) e que já não existem. Eles estão à margem do espaço dessa cidade, paradoxalmente, inseridos e excluídos. Nessa cidade, o sistema prisional se assemelha aos panópticos de Foucault. A relação de heterotopia, mencionada anteriormente, se constitui também, nessa narrativa, em um espaço delimitado como a prisão:

Todo o sistema prisional foi reformado pelo ocupante incluindo os próprios edifícios
Acabaram as enxovias subterrâneas as masmorras as celas escuras as grades os muros altos os espigões de ferro
No lugar das antigas cadeias construíram-se edifícios de seis andares todos de vidro transparente
Os únicos elementos opacos são as enxergas e as fechaduras das portas
Cada prisão tem centenas de celas de forma hexagonal como favos de colmeia
Tudo quanto um preso faz o tem de fazer à vista dos outros presos dos guardas e da cidade sem espectáculos públicos
A mais grave ocupação de todas que é a de pensar ninguém dá atenção
Mas consoante os gostos não faltam espectadores para os actos de comer defecar masturbar com perdão dos olhos delicados
Ou para as sessões de interrogatório e de tortura que se praticam à luz do dia
Como prova de que o novo sistema prisional aceita a livre observação e se oferece ao testemunho geral (SARAMAGO, 2007, p.51-52-53).

Essa prisão é uma duplicação da própria cidade e da relação que os habitantes (prisioneiros) têm com ela, pois vivem cerceados, marginalizados, e permanentemente

vigiados por um sistema repressor, que muito se aproxima do sistema vigente, em Portugal, na ditadura salazarista, poucos anos antes da publicação da obra *O ano de 1993*. As condições dos habitantes numerados na cidade não são muito diferentes daquelas encontradas pelos que estão na prisão, pois eles também são interrogados e torturados.

A imagem panóptica do presídio é o espelhamento da cidade, a transparência estabelece a continuidade entre o regime desses dois espaços, que se caracterizam como marginais. A análise dessas relações merece aprofundamento. No entanto, diante da perspectiva exposta na parte inicial, cabe agora, buscar essa mesma relação duas décadas depois no romance *Ensaio sobre a cegueira*. De que maneira Saramago constrói nesse romance o espaço da margem?

Em *Ensaio sobre a cegueira*, romance que narra eventos inusitados sobre um dado país, semelhante ao estilo utilizado por Saramago nos anos 70, os governantes resolvem isolar os doentes em um antigo manicômio que fora desativado após a primeira epidemia de cegueira que afetou uma parte da população,

A lembrança tinha saído da cabeça do próprio ministro. Era, por qualquer lado que se examinasse, uma ideia feliz, senão perfeita, tanto no que se referia aos aspectos meramente sanitários do caso como às suas implicações sociais e aos seus derivados políticos. Enquanto não se apurassem as causas, ou, para empregar uma linguagem adequada, a etiologia do mal-branco, como, graças à inspiração de um assessor imaginativo, a malsonante cegueira passaria a ser designada, enquanto para ele não fosse encontrado o tratamento e a cura, e quiçá uma vacina que prevenisse o aparecimento de casos futuros, todas as pessoas que cegaram, e também as que com elas tivessem estado em contacto físico ou em proximidade directa, seriam recolhidas e isoladas, de modo a evitarem-se ulteriores contágios, os quais, a verificarem-se, se multiplicariam mais ou menos segundo o que matematicamente é costume denominar-se progressão por quociente. Quod erat demonstrandum, concluiu o ministro. Em palavras ao alcance de toda a gente, do que se tratava era de pôr de quarentena todas aquelas pessoas, segundo a antiga prática, herdada dos tempos da cólera e da febre-amarela, quando os barcos contaminados ou só suspeitos de infecção tinham de permanecer ao largo durante quarenta dias, até ver. Estas mesmas palavras, Até ver, intencionais pelo tom, mas sibilinas por lhe faltarem outras, foram pronunciadas pelo ministro, que mais tarde precisou o seu pensamento, Queria dizer que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá. Agora falta decidir onde os iremos meter, senhor ministro, disse o presidente da comissão de logística e segurança (...) Temos um manicômio vazio, devoluto, à espera de que se lhe dê destino (SARAMAGO, 1995, p. 45-46).

A relação com o conceito de heterotopia de Foucault é direta. Essas personagens adoentadas deixam de se adequar ao padrão daquela sociedade e, por isso, devem ser postas

em quarentena. A medida tomada pelo ministro cria outro espaço, que denominamos aqui como espaço da margem. Foucault afirma que

As heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. Em geral, não se chega a um posicionamento heterotópico como a moinho. Ou se é obrigado, como é o caso da caserna, o caso da prisão, ou é preciso se submeter a ritos e purificações. Só se pode entrar com uma certa permissão e depois que se cumpriu um certo de gestos. (FOUCAULT, 2006, p. 420).

Partindo desse conceito, pode-se dizer que o manicômio de *Ensaio sobre a cegueira*, onde as primeiras levas de cegos são aprisionadas, se caracteriza como uma heterotopia, pois se constitui como uma prisão que tem como papel isolar, ainda que essa atitude seja motivada pelo desespero dos governantes com o caso insólito da cegueira de que gradativamente todos passam a ser acometidos. A passagem do romance evidencia, assim como havia ocorrido em *O ano de 1993*, a constituição de um espaço marginal, que se apresenta a partir de uma atitude autoritária e repressora advinda dos representantes do Estado.

Com o desenvolvimento da narrativa é sabido que a situação de sobrevivência, dentro desse espaço de margem que é o manicômio, fica comprometida, pois as questões relacionadas à segurança, à alimentação e à higiene são paulatinamente degradadas pelo tipo de regime (criado ali mesmo) a que estão submetidos os indivíduos naquele espaço. A violência e a opressão provêm como desdobramento da atitude de exclusão tomada pelo Estado, pois fazem com que aqueles sujeitos fiquem à mercê de seus próprios destinos. Desse modo, parte do grupo passa a governar em seu próprio favor, indo até a violação dos corpos das mulheres que ali estão:

Quando entraram no corredor por onde se chegava à camarata do destino, o cego de sentinela deu o alerta, Já as ouço, já aí vêm. A cama que servia de cancela foi afastada rapidamente, uma a uma as mulheres entraram, Eram tantas, exclamou o cego da contabilidade, e ia contando com entusiasmo, Onze, doze, treze, catorze, quinze, quinze, são quinze. Foi atrás da última, metia-lhe as mãos sôfregas por baixo das saias, Esta já cá canta, esta já é minha, dizia. Tinham deixado de fazer a revista, a avaliação prévia dos dotes físicos das fêmeas. Realmente, se estavam todas condenadas ali a passar pelo mesmo, não valia a pena gastar o tempo e esfriar a concupiscência com escolhas de alturas e medições de busto e ancas. Já as levavam para as camas, já as despiam aos repelões, não tardou que se ouvissem os costumados choros, as súplicas, as implorações, mas as respostas, quando as havia, não variavam, Se queres comer, abre as pernas. E elas abriam as pernas, a algumas mandava-se-lhes que usassem a boca, como aquela que estava de cócoras entre os

joelhos do chefe destes malvados, essa não dizia nada. (SARAMAGO, 1995, p.184-185).

Na passagem é possível observar o grau de degradação humana vivenciado pelas personagens nesse espaço marginal criado por José Saramago em *Ensaio sobre a cegueira*. A comida é a moeda de troca utilizada pelo bando que está no poder para abusar sexualmente das mulheres, que acabam se sacrificando para levar alimento para outra parte do grupo. É importante notar que o manicômio é um espaço central do romance, uma vez que a problematização da trama ocorre ali. Afinal, quando as personagens são postas nesse espaço, os governantes têm o controle sobre a cidade e a epidemia. Todavia, esse espaço se torna, em determinado momento, insuficiente para isolar os doentes, uma vez que o número de casos aumenta exponencialmente, fugindo assim ao controle das autoridades.

Nesse momento da narrativa é perceptível o espelhamento entre o espaço do manicômio (margem) e o espaço da cidade (a princípio, o centro) que passa a enfrentar os mesmos problemas daqueles que foram excluídos em um primeiro momento. Dessa forma, tanto o manicômio como a cidade (supermercado, igreja, praças, casas, ruas) se espelham em um processo identitário que se inicia a partir da marginalização e da exclusão. Isso se evidencia na passagem abaixo, por exemplo, na qual a mulher do médico está perambulando no supermercado à procura de alimento para o grupo:

A mulher do médico olhou em redor, o que ainda houvesse de aproveitável estava a ser disputado no meio de socos que quase sempre se perdiam no ar e empurrões que não escolhiam entre amigos e adversários sucedendo às vezes que o objecto da peleja se lhes escapava das mãos e jazia no chão à espera de que alguém viesse tropeçar nele, Aqui não me safo pensou, (SARAMAGO, 1995, p.219).

Mediante essa configuração espacial é como se a narrativa de *Ensaio sobre a cegueira* anunciasse a igualdade de condições dos homens diante de grandes catástrofes e a única possibilidade de resolução para tal crise se desse pela aceitação mútua e pelo amor. Aos poucos, o espaço central (cidade) dos governantes e dos cidadãos são vai sendo tomado pelo mesmo regime de violência e degradação do manicômio. Do microcosmo ao macrocosmo, os espaços do romance demonstram como a segregação é capaz de levar o homem à cegueira, uma vez que não consegue mais enxergar o outro, ou como disse a personagem do ministro, no momento em que decidiu excluir os primeiros cegos no manicômio: “Queria dizer que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá.” (SARAMAGO, 1995, p. 46).

Assim como ocorrera em *O ano de 1993*, em que o espaço da prisão e o espaço da cidade estavam em correspondência, se completavam como uma heterotopia da exclusão, em *Ensaio sobre a cegueira*, se dá o mesmo, os espaços do manicômio e da cidade se espelham em um processo de marginalização, no qual a exclusão social é discutida permanentemente. Isso determina uma linha de força na obra de Saramago que, após duas décadas de publicação de *O ano de 1993*, mantém de maneira coerente seu projeto literário de dar voz aos excluídos pela História Oficial, de colocar em discussão a lógica ordenadora e segregadora do pensamento ocidental, de construir literariamente espaços nos quais a margem e as condições de exceção não sejam condicionadas somente aos menos favorecidos na hierarquia social, o que a princípio se dá, mas, paulatinamente, vai tomando uma dimensão ampla e humana.

Considerações finais

Essa análise mereceria um aprofundamento das questões suscitadas na obra de José Saramago no que diz respeito à constituição do espaço. Entretanto, a princípio, o objetivo desse breve artigo foi demonstrar de que modo a configuração espacial nas obras *O ano de 1993* e *Ensaio sobre a cegueira* trabalha em consonância com o conceito de heterotopia empregado por Foucault, construindo uma imagem-princeps do projeto literário do autor, que se perpetuou por pelo menos duas décadas, de 1975 a 1995, respectivamente, os anos de publicação das duas obras estudadas aqui.

Viu-se que o espaço da margem (a heterotopia) saramaguiana serve como elemento desestabilizador do *status quo* dessas narrativas, que põem a vida das personagens em um momento de suspensão, e que, a princípio, ocorre em um espaço fechado (prisão e manicômio) para posteriormente ganhar uma amplitude maior, tomando a cidade, o estado e até mesmo o país.

A essa configuração espacial deu-se o nome de espaço da margem, no qual as condições se pautam pela precariedade das relações humanas que afetam primeiro as minorias para num segundo momento afetar a todos.

Saramago anuncia de maneira coerente ao longo de sua obra que a exclusão, a repressão e a violência podem e devem ser combatidas desde que a humanidade promova a união entre os seres, independentemente de suas diferenças étnicas, sociais etc. Afinal, como diz a mulher do médico, nos momentos finais de *Ensaio sobre a cegueira*, “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos” (SARAMAGO, 1995, p.310).

Bibliografia:

- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: O romance*. Lisboa. Editorial Caminho, 1998.
- _____. (org). *José Saramago. Uma homenagem*. São Paulo: EDUC, 1999.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. São Paulo: Editora Objetiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Estética, literatura e pintura, música e cinema*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- HALL, Stuart. "The West and the rest: discourse and power", in Hall *et al.* (orgs.), *Modernity: introduction to the modern societies*, Oxford, Blackwell, pp. 276-330, 2008.
- JAMESON, Frederic. "O romance histórico ainda é possível?". In: *Revista Novos Estudos* n° 77, São Paulo: CEBRAP, 2007.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- REIS, Roberto. *Cânon*. In: JOBIM, José Luís (org). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. 18 ed. Sintra: Publicações Europa-América, 1996.
- SARAMAGO, José. *O ano de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. São Paulo: SL: Incm, 1987.
- _____. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa. Imprensa Nacional. Casa da moeda, 1999.

Artigo recebido em: 30 de Março de 2012.

Artigo aprovado em: 22 de Outubro de 2012.